

UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE EDUCADOR@S NA PERSPECTIVA INTERCULTURAL: PROBLEMATIZAÇÃO ACERCA DA INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

RODRIGUES, Ivanete Nardi - UFSC

CASTRO, Thaís Fernanda - UFSC

GT: Educação Popular/ n.06

Agência Financiadora: CNPq

A perspectiva intercultural da educação¹ reconhece o caráter multidimensional e complexo² da interação entre sujeitos de identidades culturais diferentes e busca desenvolver concepções e estratégias educativas que favoreçam o enfrentamento dos conflitos, na direção da superação das estruturas sócio-culturais geradoras de discriminação, de exclusão ou de sujeição entre grupos sociais, estimulando a formação de redes de relações dialógicas e críticas.

Sob esta ótica, realizou-se um Curso Experimental de Formação de Educador@s na Perspectiva Intercultural³, que teve como metas a investigação e intervenção educativa de natureza interdisciplinar e complexa, buscando elaborar técnicas pedagógicas e didáticas, na perspectiva intercultural, sob a dimensão híbrida e "deslizante" do "inter-" (-cultural,- étnico, -geracional, -grupal, etc.).

Neste percurso, estruturado em quatro encontros presenciais, com atividades didáticas semi-presenciais⁴, foram realizadas experiências com diferentes grupos, em contextos diversificados. Buscou-se elaborar, experimentar e aprimorar estratégias e metodologias complexas e interculturais, capazes de ensejar trabalhos de formação inseridos crítica e criativamente em contextos multiculturais. Também foram investidos

¹ Sobre perspectiva intercultural da educação ver: Stoer, 2001; Souza, 2002; Fleuri, 1998, 2001, Touraine, 1998.

² Sobre complexidade ver: Morin, 1985 ; Bateson, 1986; Severi e Zanelli, 1990; Azibeiro, 2001.

³ Identificação suprimida para manter o anonimato.

⁴ Foram realizados 4 encontros com 15 horas-aula (em fins de semana), com intervalos, aproximados, de duas semanas, nos quais foram desenvolvidas atividades semi-presenciais e virtuais supervisionadas. O primeiro encontro visou à interação das identidades e diferenças d@s participantes, assim como a organização das atividades do curso. Focalizou, de modo particular, as questões emergentes presentes nas práticas educativas vividas pel@s participantes. O segundo encontro visou à análise dos resultados de investigações empíricas realizadas pel@s participantes em seus locais de atuação. E organizou equipes heterogêneas para visitas em locais de grupos parceir@s. O terceiro encontro visou à análise da observação realizada em torno das situações-limite, dos inéditos viáveis e dos estranhamentos vividos pelos grupos heterogêneos de investigação nos locais de atuação d@s parceir@s. O último encontro buscou a sistematização e a avaliação do processo de investigação, a partir da reflexão sobre os inéditos-viáveis e os principais desafios, face às situações-limites problematizadas ao longo do curso.

esforços por integrar novas tecnologias e mediações informáticas de comunicação, para dar sustentabilidade à formação permanente e em processo, entre educador@s articulad@s em rede, através de um ambiente virtual de aprendizagem.

O presente texto focaliza alguns questionamentos metodológicos emergentes neste Curso Experimental, levantados sob a perspectiva da interculturalidade, acerca do desenvolvimento da investigação-ação nos processos educacionais.

Um dos objetivos do Curso Experimental foi o de *articular processos interculturais de investigação-ação e de intervenção educativa, a partir da tematização dos desafios emergentes nos contextos e nas práticas sociais d@s educador@s em formação*. Sob este aspecto, as atividades desenvolvidas no primeiro encontro orientaram @s participantes a identificar os seus temas investigativos. Como é próprio da investigação-ação, estes temas vieram encharcados da experiência empírica de cada participante, abrindo um leque de questões temáticas a serem investigadas, cada qual mantendo relação estreita com a experiência empírica de cada formulador e com seus respectivos grupos de referência.

Um primeiro problema, que se percebeu neste percurso de identificação dos desafios emergentes, foi a dificuldade d@s participantes de enfocarem o seu tema–desafio a ser investigado no seu campo de atuação; verificou-se a necessidade de discutir “quem” seria o segmento da sociedade a ser investigado, bem como o “onde” efetuar esta investigação. Esta experiência foi uma demonstração de que alguns pré-condicionantes são necessários para que as pessoas adquiram instrumentos para efetivar a investigação-ação, mediante o exercício da pesquisa e o desenvolvimento do olhar investigativo.

Esta análise abriu para @s formador@s, não só a possibilidade e necessidade de exploração da própria metodologia da investigação-ação, mas também nos fez pensar que um dos pressupostos a serem rompidos, nos processos educacionais, é o das *certezas pré-dadas como certas*. Ou seja, a visão imediatista do processo educacional ignora se @s participantes têm o domínio de alguns saberes anteriores, que são pré-requisitos para a sua inserção e atuação na produção de novos conhecimentos. A reflexão indicou, também, que no próprio percurso de formação de educador@s, bem como em todos os níveis educacionais vivenciados por estes sujeitos não se desenvolvem aprendizagens de metodologias de investigação.

Um segundo questionamento emergente neste percurso de investigação-ação foi a hegemonização de dois entre os dez grupos representados. Este fato foi indicado na

avaliação final de uma d@s participantes que, por ser única representante de seu grupo de origem, teve que se agregar a um grupo formado por representantes de outra instituição e se ajustar ao tema de investigação desta maioria. As indagações decorrentes deste indicativo permitiu que observássemos de forma mais ampla em nossa avaliação que, no decorrer do curso, muitas pesquisas de temas investigativos anunciados foram iniciadas e depois abandonadas, estabelecendo, por um lado, exclusões de algumas trajetórias investigativas e, por outro lado, a priorização de outras.

Analisando a maneira como o Curso foi estruturado, observamos que o seu pressuposto básico era o de fazer formação com “grupos de locais de trabalho”, na perspectiva da investigação-ação, visando ao “melhor equacionamento de problemas significativos da prática social, bem como possibilitando a tomada de consciência por parte dos sujeitos históricos envolvidos, com vistas à transformação da realidade” (Thiollent, 1998). Este pressuposto básico foi possível de ser realizado exatamente com os dois grupos de trabalho que se tornaram hegemônicos, pois contavam com um grande número de participantes, sendo todos envolvidos com o mesmo local de atuação. O mesmo não ocorreu com @s demais participantes que, por estarem sozin@s, foram agregadas aos dois grupos apontados como hegemônicos.

Esta experiência nos levou a perceber que alguns fatores podem ser determinantes nos processos de investigação-ação: a) que, quando se pretende realizar um processo de investigação-ação com “grupos de pessoas inseridas nos mesmos locais de trabalho”, tod@s @s integrantes devem ter a mesma inserção, sob pena de se estabelecer relações de sujeição daquel@s inseridos em outros contextos; b) que a melhor maneira de se trabalhar a *formação* de investigação-ação em grupos heterogêneos, para garantia de processos interculturais e não excludentes, seria a formação de grupos para investigar temas compartilhados e não problemas específicos de seus respectivos locais de trabalho. Desta forma, pode-se garantir um único foco temático de investigação para o grupo, enriquecido pela bagagem intercultural de experiências e conhecimentos que @s participantes trazem de seus locais de atuação; c) esta análise nos leva, enfim, a indagar sobre a relação direta e determinista que se fez entre “investigação-ação” e “local de trabalho ou atuação”. Afinal, não se poderia adotar a metodologia de investigação-ação em qualquer grupo de formação, potencializando-a com as experiências locais heterogêneas d@s participantes? Neste

sentido, o objeto de investigação não seria o “local de atuação ou trabalho”, mas sim os *desafios* focalizados pel@s participantes a partir de suas diferentes inserções sociais.

Uma terceira questão emergiu a partir da proposta de, como estratégia metodológica de investigação-ação, realizar visitas recíprocas entre os cursistas em seus respectivos locais de atuação. Apesar de a proposta ter sido de inter-visitação, os grupos acabaram decidindo por realizar *eventos interativos*, sem a perspectiva do contato com o fazer cotidiano de cada grupo. Esta alteração da proposta inicial, conduziu @s formador@s a algumas hipóteses: a) para fazer investigação-ação em locais de trabalho, é necessário que todos os sujeitos estejam envolvidos neste processo e assumam a decisão de investigar suas ações; b) ao planejar o processo educacional de investigação-ação é preciso construir condições objetivas para que todos os sujeitos envolvidos possam se inserir orgânica e criticamente neste processo. c) no processo de investigação-ação é preciso preparar-se para perceber as transformações de trajetória realizadas pelo grupo com que se interage, como perspectiva de avaliar a viabilidade da proposta formulada e os impasses por ela gerados. Ao mesmo tempo, é preciso estar atent@, nesta avaliação, para as maneiras como o grupo resolve os impasses, para colher as respostas inteligentes e inusitadas que o desvio da trajetória proposta fez emergir.

Estes são apenas alguns traços analíticos levantados a partir da avaliação do Curso Experimental de Formação de Educador@s na Perspectiva Intercultural. Ao se analisar, sob o enfoque da interculturalidade, esta prática de investigação-ação-educativa, verificou-se que (1.) é necessário considerar os saberes já apropriados pel@s educand@s, inclusive seu domínio de metodologias de investigação; (2.) para se realizar investigação-ação em locais de trabalho, é necessário que todos os sujeitos estejam envolvidos neste processo e assumam a decisão de investigar suas ações; (3.) a gestão participante do processo de investigação-ação em grupos com vínculos de atuação social heterogêneos se sustenta melhor ao se focalizar os *desafios* comuns assumidos pel@s pessoas a partir de suas diferentes inserções sociais; (4.) o planejamento pedagógico precisa prever estratégias para acolher as respostas inesperadas dos grupos a impasses encontrados no percurso educativo.

Referencias Bibliográficas

AZIBEIRO, N. E. Movimentos Sociais, Paradigma da Complexidade e Intercultura: algumas considerações para discussão em sala-de-aula. **Cadernos do NEPP**, nº 1. Florianópolis: FAED/UDESC, maio 2001.

BATESON, G. **Mente e Natureza. A unidade necessária.** [Mind and Nature: a necessary unity]. Trad. bras. Claudia Gerpe. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986 [1979]. (Trad. ital. 1984).

FLEURI, R. M. Desafios à Educação Intercultural no Brasil. **Revista Percursos**, v.2, p.109/128. Florianópolis: NEPP/UDESC, 2001.

FLEURI, R. M. Educação popular e complexidade. In: COSTA, M.V. **Educação popular hoje.** São Paulo: Loyola, 1998b, p. 99-122.

MORIN, E. Le vie della complessità. In: BOCCHI G., CERUTI M. (a cura di). **La sfida della complessità.** Milano: Feltrinelli, 1985. p. 49-60.

SEVERI, V.; ZANELLI, P. **Educazione, complessità e autonomia dei bambini.** Firenze: Nuova Italia, 1990.

SOUZA, M. I. P. de. Construtores de Pontes: explorando limiares de experiências em educação intercultural. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

STOER, S. Desocultando o vôo das andorinhas: educação inter/multicultural crítica como movimento social. In: **Transnacionalização da educação: da crise da educação à “educação” da crise.** Porto: Afrontamento, 2001.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1988.

TOURAINÉ, A. **Poderemos viver juntos?** Petrópolis: Vozes, 1998.